



Governadores que defenderam mais um mandato para Bolsonaro deixam claro que não permitirão bloqueios de estradas pelos apoiadores do presidente e que movimentos não mudarão resultado das urnas

Isac Nóbrega/PR



Zema foi enfático: "A eleição acabou"

Alan Santos/PR



Castro: respeito ao resultado das urnas

Pablo Jacob/GSP



Garcia: bloqueio de rodovias é "inadmissível"

Atuação enérgica de ex-aliados eleitorais

» JOÃO GABRIEL FREITAS*

Os governadores Rodrigo Garcia (SP), Romeu Zema (MG) e Cláudio Castro (RJ) — três dos maiores cabos eleitorais do presidente Jair Bolsonaro (PL) na campanha pela reeleição — não esperaram pela ação da Polícia Rodoviária Federal (PRF) para a reabertura das rodovias que cortam seus estados, bloqueadas por bolsonaristas informados com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Respalçados pela decisão do ministro Alexandre de Moraes, publicada na noite da última segunda-feira e que foi reforçada na manhã de ontem, determinaram às suas polícias militares que agissem pela desinterdição (leia mais na página 6), inclusive com o uso da força em caso de necessidade.

A principal preocupação dos governadores é o estrangulamento da economia por meio do desabastecimento de gêneros e combustíveis. Zema foi enfático ao determinar que as forças de segurança tomassem as medidas "necessárias para desobstruir qualquer via ou estrada que esteja interditada por manifestações". "A eleição acabou e, agora, temos que assegurar o direito de todos de ir e vir

e também que as mercadorias cheguem onde precisa para não haver desabastecimento. Vamos cumprir a lei", tuitou.

Castro, por sua vez, ordenou ao Batalhão de Choque da PM a desobstruir as estradas e afirmou que "é preciso respeitar o resultado das urnas". "Quem foi vitorioso precisa ter a tranquilidade de reunir forças e trabalhar pelo Brasil". O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, uniu-se ao governador na intolerância com a ilegalidade praticada pelos bolsonaristas — e lançou a Guarda Municipal para desobstruir vias interditadas.

"Protestar é um direito de todos. O que não pode é baderna e prejudicar o povo trabalhador, em razão da ação de pequenos grupos claramente com fins políticos. Na cidade do Rio não iremos permitir", anunciou.

Garcia considerou os bloqueios "inadmissíveis". Além de determinar que o choque atuasse para liberar o tráfego, acionou o Ministério Público do estado para apurar as circunstâncias dos bloqueios e responsabilizar criminalmente os envolvidos.

Dos três estados, a situação em São Paulo é a que mais preocupa, pois a circulação de ônibus e o tráfego aéreo já foram afetados pelos bloqueios — sem contar que o estado é um importante



"É preciso respeitar o resultado das urnas. Quem foi vitorioso precisa ter a tranquilidade de reunir forças e trabalhar pelo Brasil"

Governador Cláudio Castro, que esteve ao lado de Bolsonaro na disputa eleitoral

hub na distribuição de bens para todo o país. Segundo informações do aeroporto de Guarulhos, 25 voos atrasaram entre segunda-feira e ontem. Há, ainda, uma série de relatos de passageiros presos por horas na rodoviária da capital paulista devido à falta de circulação por terra.

Outro apoiador de Bolsonaro no período eleitoral, o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, foi mais um a considerar o bloqueio das vias públicas "ilegal" e que "acompanha as ações antidemocráticas" no DF. Segundo o governador, as forças de segurança estão autorizadas a usar

"todos os meios legais" para resolver o problema e "garantir o direito da maioria".

Pacificação

Mais um apoiador de Bolsonaro, o governador Ratinho Júnior (PR), se insurgiu contra a ilegalidade dos apoiadores do presidente. "O direito de livre circulação no território nacional é uma garantia do povo brasileiro. É momento de pacificar o Brasil. As eleições de 2022 ocorreram de maneira democrática e a decisão soberana das urnas precisa ser respeitada", salientou por meio de nota.

Em Goiás, estado comandado por outro bolsonarista — Ronaldo Caiado —, a Procuradoria-Geral do Estado encaminhou ofício à Secretaria de Segurança Pública (SSP) e ao comando da PM orientando que a determinação do STF de desbloquear as estradas seja cumprida. E em Santa Catarina, o choque atuou pela desobstrução das rodovias, o que levou o senador bolsonarista Jorginho Melo, governador eleito do estado, a fazer um apelo aos apoiadores do presidente. "Quebradeira não constrói nada, não vai mudar nada", disse.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Um sapo barbudo entalado na garganta

O título da coluna é inspirado na frase famosa do ex-governador fluminense Leonel Brizola, cujo sonho de chegar à Presidência foi frustrado em 1989, ao ficar em terceiro lugar na disputa presidencial, atrás de Fernando Collor de Mello e, para surpresa geral, foi pautado pela ambiguidade política. Agradeceu aos seus eleitores, enalteceu a formação de uma direita ideológica no país, anunciou que sua luta continua, mas não reconheceu a derrota eleitoral nem cumprimentou Lula, o presidente eleito. Sua grande preocupação foi manter o apoio dos caminhoneiros e militantes bolsonaristas de raiz, que ainda não aceitaram o resultado da eleição e, ao mesmo tempo, orientá-los a não cometerem nenhum ato de violência nem impedirem o direito de ir e vir.

Foi um discurso lacônico, seguido de um pronunciamento minimalista do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, que anunciou o início da transição de governo, que coordenará. O vice-presidente eleito Geraldo Alckmin será o coordenador da equipe de Lula. Tudo de acordo com a legislação vigente sobre a troca de governos. Bolsonaro teve 48 milhões de votos, um resultado muito expressivo, que não deve ser subestimado. Entretanto, para o pronunciamento, ele precisou de duas noites de sono e muitas conversas. Seu posicionamento sinaliza a intenção de fazer uma posição dura, permanente, implacável.

O pronunciamento de Bolsonaro, porém, foi uma pá de cal em qualquer tentativa de impedir a posse do presidente eleito. Ao não reconhecer a vitória de Lula e se omitir em relação aos protestos de caminhoneiros, que realizaram centenas de bloqueios nas estradas do país, simultaneamente às manifestações bolsonaristas, algumas à porta de quartéis, acabou politicamente isolado. Além disso, a ação enérgica do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes, proibindo interdições das estradas, obteve pronta resposta dos governadores, inclusive aliados de Bolsonaro, que acionaram as forças policiais para acabar com os bloqueios.

Contrariedade

Bolsonaro está muito contrariado com a derrota, sempre levantou suspeitas sobre as urnas eletrônicas e alimentou as desconfianças de seus apoiadores em relação a legitimidade do sistema de votação e idoneidade da apuração. Não fez nenhum questionamento ao resultado das eleições, mas também não o endossou publicamente, até agora. Entretanto, na prática, está digerindo a derrota, ou seja, vai acabar digerindo o "sapo barbudo". É que teremos uma transição com certo nível de cooperação de três atores: o Centrão, representado por Ciro Nogueira, presidente do PP, e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL); os generais de seu estado-maior, que sabem da inutilidade de qualquer reação golpista; e a alta burocracia federal, encastelada na cúpula dos ministérios e dos órgãos do governo.

Paralelamente à existência de políticos profissionais, acostumados a ganhar e a perder eleições, existe no governo Bolsonaro uma burocracia formada por funcionários e técnicos de carreira, encarregados de operar a máquina do Estado. Além dos objetivos programáticos, que pautaram as ações do governo, existe uma dinâmica de funcionamento da máquina pública que observa regras muito claras de conduta, não somente nas ações administrativas, mas também quanto à responsabilidade dos agentes públicos. No Estado Democrático de Direito, com administrações modernas, não existe queima de arquivos. Existe sigilo, que pode ser quebrado em caso de necessidade.

Nesse sentido, salta aos olhos a situação da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no dia da eleição e durante os bloqueios dos caminhoneiros, que foge ao padrão dos órgãos de coerção federais. A omissão do procurador-geral da República, Augusto Aras, durante esses protestos também constrangeu sua própria instituição.

A transição será fácil? Não, porque haverá uma nova ruptura de políticas públicas. Entretanto, as atividades permanentes do Estado não sofrerão descontinuidade, principalmente nas áreas essenciais. Além disso, os novos integrantes do governo têm grande experiência administrativa, muitos deles na própria administração federal. O fato de o vice-presidente Geraldo Alckmin ser o coordenador da equipe de transição já revela a intenção de fazer com que essas fricções sejam mitigadas.

Lula, ao nomear o vice, sinaliza para as forças políticas e a sociedade uma postura de moderação e ampliação do diálogo, que será muito importante durante esse período de transição e pode resultar num governo de ampla coalizão democrática. Essa parece ser a intenção do presidente eleito, ao revelar a intenção de atrair para o seu governo todo o MDB, o PSD, o PSDB, o Podemos e o Cidadania. São forças políticas contingenciadas pela polarização eleitoral, mas que reúnem grande experiência e capacidade de articulação política no Congresso e na sociedade.

Radicais acampam no QG do Exército

» FERNANDA STRICKLAND

Um grupo de apoiadores radicais de Jair Bolsonaro (PL) ergueu, ontem, um acampamento em frente ao Quartel General do Exército, no Setor Militar Urbano (SMU). A razão do movimento são pautas antidemocráticas, como a tentativa de impedir que o presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva (PT) assuma o comando do país em 1º de janeiro de 2023, golpe militar com a manutenção do atual presidente no poder, prisão de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e, até mesmo, a volta do voto impresso.

Esse grupo afirma que não sairá da frente do QG enquanto alguma das pautas ilegais que defende não for cumprida. "Não estamos aqui pelo Bolsonaro. Estamos pelo Brasil", disse Antonia de Souza, apoiadora do presidente. A expectativa dos radicais é conseguir reunir, hoje, uma multidão no local semelhante a do 7 de Setembro.

Os bolsonaristas, porém, não querem ser identificados como bolsonaristas. Tanto que os chefes do grupo pediram para

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Entre pautas antidemocráticas, pediram até a volta do voto impresso

que todos que participam do acampamento tirassem objetos, faixas e blusas com alguma imagem, frase ou nome do presidente. "Peço a todos que tirem objetos, faixas e blusas que tenham o nome do presidente, pois não queremos ligar a manifestação a ele, e sim ao Brasil. Pois estamos aqui para

pedir um Brasil melhor", disse um apoiador de Bolsonaro.

Segundo integrantes do grupo, a escolha do QG foi estratégica, uma vez que um dos desejos do grupo é um golpe militar com Bolsonaro no poder. "O que tem para fazer na Esplanada? Temos que vir ao Exército pedir a intervenção dele, porque com o ladrão

(Lula) não dá para ficar", disse outro bolsonarista, que preferiu não se identificar.

O grupo está convicto de que conseguirá se manter na frente do QG do Exército — onde, em 19 de abril de 2020, o presidente subiu na caçamba de uma picape para se dirigir a apoiadores que defendiam o golpe militar — por muito tempo e conseguirá evitar a posse de Lula. Montou-se uma estrutura que dispõe de barracas, alimentação e até mesmo arrecadação de dinheiro para poderem se manter por tempo indeterminado. Aliás, em pouco menos de uma hora, conseguiram R\$ 200 doados para despesas iniciais.

Os bolsonaristas também estão preocupados com "agentes infiltrados". "Eles estão vestidos de verde e amarelo, as cores do Brasil, para tentar fazer contendas entre nós. Pretendem criar intrigas para que vocês briguem e saiam como os agressores. Não caiam nessa. Se houver indisposição com alguém, procure a polícia, que está aqui para nos ajudar. Lembre sempre que estamos lutando pelo Brasil", pediu um dos chefes do acampamento.